

---

## *Percorrendo os rastros deixados por Thales de Azevedo: morenos, batuque e família*

**Fabício Romani Gomes\***

---

**Resumo:** Thales de Azevedo esteve em Caxias do Sul, na década de 50, realizando notas de observação que, mais tarde, seriam utilizadas por ele na produção da obra *Italianos e gaúchos*. Neste artigo, aponto para a possibilidade de utilização dessas notas como fonte para o desenvolvimento de outras pesquisas.

**Palavras-chave:** Caxias do Sul. Fontes de pesquisa. Negros.

**Abstract:** Thales de Azevedo had been in Caxias do Sul in the 1950's performing notes of observation that, later, would be used by him on production from work *Italianos e Gaúchos*. In this article, it's indicated the utilization possibility of that notes like sources to the development of another research.

**Key words:** Caxias do Sul. Research sources. Black people.

---

Em fevereiro de 2005, tomei conhecimento da existência de um clube de negros<sup>1</sup> na cidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Nesse momento, pensei na elaboração de um projeto de pesquisa que tivesse como objeto de estudo a trajetória desse clube, em uma cidade que exalta a sua *italianidade*, pois, Caxias do Sul tem suas origens na política de imigração adotada pelo governo imperial brasileiro no fim do século XIX, sendo habitada em seus primórdios, quase exclusivamente, por italianos e seus descendentes. Dessa forma, o projeto elaborado busca analisar a trajetória do Clube Gaúcho<sup>2</sup> em um contexto que reverencia a participação dos *italianos* e seus descendentes na construção da cidade.

---

\* Mestrando no PPG em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bolsista da Capes. *E-mail:* phabrisss@gmail.com

Para possibilitar a realização da pesquisa, foi iniciada a busca dos rastros deixados pela população negra na cidade. A princípio, pensei na escassez de fontes, o que dificultaria a realização do trabalho. Mas com o aprofundamento no tema, percebi que as fontes existiam, e os vestígios da presença negra na cidade estavam em jornais, atas e correspondências do clube, fontes orais e *Cadernos de Pesquisa de Thales de Azevedo*. Neste artigo pretendo fazer algumas considerações sobre a utilização desses *Cadernos* na pesquisa e apontar para algumas outras possibilidades de estudo a partir das anotações feitas pelo antropólogo Thales de Azevedo.

Em primeiro lugar, é preciso saber: quem é Thales de Azevedo? Natural da Bahia, Thales de Azevedo (26/8/1904 – 5/8/1995) foi titular de Antropologia e Etnologia na Faculdade de Filosofia e diretor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade da Bahia. Pertenceu à Associação Brasileira de Antropologia, ao Instituto Pan-Americano de Geografia e História, ao Comitê de Antropologia do México, ao Instituto Histórico da Bahia, entre outras instituições.<sup>3</sup> Publicou *Gaúchos: notas de antropologia social*, em 1943; *Civilização e mestiçagem*, em 1951; *As elites de côr*, em 1953;<sup>4</sup> *O catolicismo no Brasil*, em 1955; *Cultura e situação racial no Brasil*, em 1966; *Namoro à antiga*, em 1975; *Italianos e gaúchos*, em 1975, entre outras publicações. Estudou o Rio Grande do Sul, segundo Guilhermino César,<sup>5</sup> “desde 1941, com a publicação de *O rancho dos gaúchos brasileiros e uruguaios*”. (AZEVEDO, 1975, p. 9).

Para a produção de *Italianos e gaúchos*, Thales de Azevedo utilizou-se de “parte das notas de observação, de entrevistas, de buscas bibliográficas e arquivísticas, feitas por ocasião de várias e demoradas estadas na região durante os decênios de [19]50 e [19]60, completadas em [19]73”. (AZEVEDO, 1975, p. 15). Essas notas de observação foram doadas pelo pesquisador ao projeto *Elementos Culturais das Antigas Colônias Italianas do Rio Grande do Sul* (Ecirs), da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Os originais manuscritos integram o acervo sobre o Rio Grande do Sul e a Região Colonial Italiana do referido projeto, mas o acesso a tal material foi facilitado pela publicação dos mesmos em 1994.<sup>6</sup> Emilio Franzina assim se refere aos *Cadernos*, de Thales:

Constituem as primeiras marcas e são, por assim dizer, os primeiros sinais tangíveis de um trabalho magistral sobre o Rio Grande do Sul ítalo-gaúcho preparado por Thales nos já remotos anos da década de 1940 [...] e levado a cabo em 1975 através de um livro já célebre e diversas vezes editado. (Apud AZEVEDO, 1994, p. 16).

Foram publicados os sete *Cadernos* de anotações produzidos por Thales de Azevedo durante sua estada em Caxias do Sul. As anotações são numeradas, sendo que a primeira, de número 1 (um), foi realizada no dia 4 de janeiro de 1955, e é um relato de sua saída de Porto Alegre e chegada em Caxias do Sul:

Saí de Porto Alegre, ônibus, às 13h40min; cheguei a Caxias às 17h30min, após parada no Morro Reuter. Procurei o Pe. Eugênio Giordani, que eu conhecera há anos; está em retiro até o fim do mês. Recebeu-me seu coadjutor, Pe. Baumgartner, a quem expus brevemente meu plano de pesquisa. Fiquei de voltar lá amanhã. (AZEVEDO, 1994, p. 27).

A última anotação, de número 1.088 (mil e oitenta e oito), surgiu de uma conversa com um de seus informantes, o Pe. B. Rambol, no dia 13 de março de 1959. Os temas de cada anotação são apontados ao lado da mesma. Nesta última os temas destacados são: *Ethos* e *Terra*. Thales anota o seguinte das informações fornecidas pelo padre:

Os italianos adaptaram-se de modo diferente no Alto Uruguai, onde não dá vinha. No alto da serra, puderam continuar ao menos 2 culturas, que já conheciam na Itália: a vinha e o trigo. O “italiano” é mais aventureiro que o alemão; tem mais preocupação do dinheiro, talvez porque vivia na Europa numa região muito pobre, onde o dinheiro em mão tinha muito valor. O alemão gosta mais de aplicar o dinheiro, especialmente em uma casa sólida, jardim e instalações da colônia; para ir para uma nova terra, quer primeiro um título de posse seguro. Há uns 10 anos houve um grande êxodo rural-urbano; agora cessou. As terras se têm valorizado muito. Há como uma recolonização interna. (AZEVEDO, 1994, p. 387).

Os *Cadernos* apontam para diversos outros temas, como: *língua, etnocentrismo, contatos, franceses, urbanização, classes sociais, família, casamento, morenos,*<sup>7</sup> *prostituição,* etc.

Muitas das anotações de Thales revelam aspectos da vida cotidiana da cidade de Caxias do Sul, como a anotação de número 31 (trinta e um), realizada em conversa com Brandalise:<sup>8</sup>

Em Caxias não se usa namorar nas portas ou debaixo das janelas. Os dias de namoro são os dias de as moças irem ao cinema: sábado,

domingo, terça. As moças que vão no domingo ao cinema recebem um cartão que dá direito à entrada grátis na terça-feira. Nesses dias os namorados as acompanham. No cinema os pares se agarram muito. Quando um rapaz se aproxima da casa da moça para conversar com ela, logo o fazem entrar em casa. (AZEVEDO, 1994, p. 47).

Essa e algumas outras informações cotidianas não são encontradas facilmente em outras fontes de pesquisa. Dessa forma, pode-se dizer que as anotações realizadas por Thales assemelham-se aos relatos de viajantes do século XIX. Heloisa J. Reichel diz que esses relatos são utilizados como importante fonte de pesquisa, pois “oferecem descrições pormenorizadas de aspectos da vida privada ou da cultura das camadas populares das sociedades observadas”. (REICHEL, 1999, p. 56).

Mas é preciso ter alguns cuidados com esse tipo de fonte e, mais especificamente, com algumas das anotações realizadas por Thales. Aqui, acredito que mesmo sendo Thales um antropólogo conhecedor de métodos e técnicas de pesquisa relacionados à sua área de pesquisa, e ainda, possuindo objetivos quando realiza suas anotações, algumas das considerações realizadas por Reichel para os relatos de viajantes do século XIX, podem também ser utilizadas para anotações produzidas por Thales. Segundo a autora, “temos que cuidar, porém, para não cairmos na armadilha de aceitar as suas descrições e informações como sendo a própria e única realidade” (1999, p. 59-60), pois tanto os relatos dos viajantes como as anotações de Thales, na minha opinião,

são imagens que se constituem em representações do real, elaboradas a partir de componentes ideológicos de pessoas dotadas de equipamentos culturais próprios e que trazem um patrimônio anterior que condiciona o modo de observar e entender o empírico. (REICHEL, 1999, p. 59-60).

Ou ainda, como diz a antropóloga Ana Paula Carvalho, “toda a experiência de campo é marcada pela biografia individual de cada pesquisador”.<sup>9</sup> (2003, p. 20). Cabe salientar, também, que a representação da realidade é feita, não somente por Thales, mas também por seus informantes.

Mais ainda: Thales de Azevedo está em uma sociedade estranha, incomum. Trata-se de um baiano de Salvador em uma cidade da Serra gaúcha. Sendo assim, algumas de suas anotações podem representar o extraordinário, aquilo que para ele, até então, era desconhecido e que lhe chamou a atenção. Dessa forma, certas anotações podem representar

ações, atitudes ou manifestações isoladas, que não podem ser consideradas gerais e normais para a sociedade em análise.

Assim, para possibilitar uma análise séria, se faz necessária a utilização de diversas outras fontes de informação. Os rastros, ou vestígios, encontrados em jornais, na memória oral, em atas e correspondências e em outras fontes devem ser cruzados, confrontados com as informações contidas nos *Cadernos de Pesquisa*, de Thales de Azevedo.

Para facilitar a exposição das informações encontradas nos *Cadernos*, optei em dividir este estudo em temas; primeiramente, será dada uma noção do que foi anotado por Thales, em seus cadernos, que dizem respeito à população negra da cidade. Em seguida, trato de um tema relacionado com o primeiro e que chamou a atenção do pesquisador: a expansão das religiões *afro-brasileiras* em Caxias do Sul. Depois, algumas considerações sobre namoro, casamento, compadrio e herança.

### Os *Morenos* em Caxias do Sul

Thales é um pesquisador reconhecido nacionalmente. Um dos temas mais pesquisados por ele diz respeito à condição social da população negra no Brasil, mais especificamente, na Bahia. *As elites de cor*, estudo realizado por Thales no início dos anos 50, é uma de suas obras mais importantes. Nela ele estuda a ascensão social do negro na sociedade baiana. Tal estudo foi publicado, primeiramente, em francês. Para sua realização, Thales contou com o apoio da Unesco. Esse estudo, segundo Antonio Sérgio A. Guimarães, pode ser situado ao lado das obras de Donald Pierson, já que Thales e Pierson acreditam que no Brasil “não poderia haver discriminação de raça, mas apenas discriminação de classe”. (GUIMARÃES, 1999, p. 81). Ainda segundo Guimarães, Thales, sem deixar uma abordagem individualista que o caracterizou, é influenciado pela releitura dos textos weberianos e, em 1956, “adota uma postura diferente, qualificando melhor os limites da sociedade de classes no Brasil, realçando a permanência da ordem estamental na sociedade brasileira”. (GUIMARÃES, 1999, p. 82). Acredito que esse interesse pela situação do negro na sociedade brasileira motivou as anotações do pesquisador sobre o tema na cidade, já que essas informações não foram utilizadas na obra *Italianos e gaúchos*.

Ao iniciar a leitura das anotações do pesquisador, chamou a atenção a quantidade de referências *de cor* utilizadas por Thales e seus informantes. *Moreno, mulato claro, mulato claro brancóide, gente de cor,*

*pretos, negros, mulatas claras, mulatinhas claras, pardos, muito escuro, branco queimado* são algumas das formas utilizadas. Na obra *As elites de côr*,<sup>10</sup> Thales faz a seguinte consideração sobre a utilização dessas referências à *cor* das pessoas para o seu estudo na Bahia:

Para compreender uma descrição da população local ou para interpretar uma estatística demográfica bahiana, antiga ou moderna, é necessário conhecer muito bem o significado dos termos com que se designam os variados tipos físicos reunidos nêsse grande *melting pot*. As expressões mais usadas para isso são: *branco, preto, mulato, pardo, moreno e cabôclo*. Aparentemente êsses vocábulos descrevem tipos físicos determinados; na verdade o sentido dos mesmos é socialmente condicionado, muito embora basicamente relacionado com os traços raciais, especialmente a côr da pele, o cabelo e as formas faciais. (AZEVEDO, 1955, p. 25, grifos do autor).

Dessa forma, segundo Thales, para se definir uma pessoa como *preta, branca, morena*, etc., além dos aspectos físicos, deve ser considerada, também, a condição social de determinado indivíduo. Assim, para ele, *pretos são*

os indivíduos que têm as características físicas do negro africano particularmente a pele muito escura, “côr de carvão”, os cabelos encarapinhados, o nariz chato e os lábios muito expêssos. Mas a expressão “negro” é considerada indelicada e por vezes ofensiva, desde os tempos coloniais [...]. Quando alguém se dirige a um preto de classe inferior pode, por exemplo, compara-lo a outro “preto como você”, mas tratando-se de pessoa de classe mais alta a etiqueta manda empregar o vocábulo *escuro* ou mesmo *moreno*. (AZEVEDO, 1955, p. 27, grifos do autor).

A *cor* determinada pela condição social do indivíduo também é observada por José Alberto Carvalho e Charles Wood. Em artigo analisando a classificação subjetiva da *cor* dos censos no Brasil, os autores fazem duas considerações. A primeira “refere-se à grande quantidade de termos que os brasileiros usam para identificar as variações da cor da pele entre os dois extremos – a branca e a preta. (CARVALHO; WOOD, 1994, p. 3-4). A segunda

refere-se à interação entre a posição social da pessoa e a percepção subjetiva de sua cor. No Brasil, uma pessoa de pele escura e que também seja pobre é provavelmente tida, e assim se classifica, como preta. De outro lado, porém, uma pessoa com a mesma tonalidade de pele que ocupe uma posição alta na sociedade provavelmente será considerada, e se identificaria [...], como morena, parda ou qualquer outro termo que se aproxime mais da gradação branca, dentro da escala de cores da pele. (CARVALHO; WOOD, 1994, p. 4).

Assim, entende-se e percebe-se a dificuldade encontrada por Thales e por seus informantes, na classificação dos indivíduos não brancos que habitam a cidade de Caxias do Sul.

As primeiras anotações sobre a população negra na cidade apontam para a existência de preconceito racial nessa sociedade. Thales entrevista o Monsenhor Balem<sup>11</sup> em Porto Alegre e, nessa ocasião, o informante diz que em Caxias do Sul, “gente de cor, muito pouco: um ou outro soldado, tropeiro, e que, essa gente não gosta muito de trabalhar; vivem de biscates”. (AZEVEDO, 1994, p. 29). Outra informante, Nelly Vergamin<sup>12</sup> diz que “o Cine Ópera era muito freqüentado ‘por negro’; depois da reforma, está muito fino; ‘não há barreira mas não entram’”. Nelly diz ainda que tem “um irmão casado com “brasileira”. O avô dela era bem escuro. “Nós tínhamos medo que os meninos nascessem escuros. Não é que a gente fosse ter menos amizade... Mas nasceram alvos e louros, como alemães.” (AZEVEDO, 1994, p. 71). Ainda sobre a existência do preconceito na cidade, em conversa com a professora de Sociologia Ruth Ramos Bianchi,<sup>13</sup> essa diz o seguinte a Thales:

Aqui há intolerância pelos de cor. Já tem havido casos com militares, cuja presença nos clubes causa estranheza; as moças esquivam-se de dançar com eles. Veio de fora, uma vez, um rapaz bem apresentado mas escuro, não negro, e isto aconteceu. (AZEVEDO, 1994, p. 81).

Dona Éster e Dona Augusta<sup>14</sup> confirmam também a existência de preconceito dizendo a Thales que “Oswaldo de Assis<sup>15</sup> é tolerado na Rádio Caxias por ser muito necessário, mas já houve certo movimento para tirá-lo; por sua atividade na Rádio é admitido em clubes e outros meios, mas com reservas”. (AZEVEDO, 1994, p. 165).

Os *Cadernos*, de Thales, trazem, ainda, informações importantes sobre a localização da população negra na cidade. Diz Thales que caminhando pela cidade encontrou “malocas por entre casas médias e

de segunda categoria. Meninos e mulheres de côr pela rua – mulatos de vários matizes. Um grupo de cerca de 8 mulheres, todas mulatas, lavavam roupa na água suja de uma pequena fonte. Andei mais e dei no cemitério”. (AZEVEDO, 1994, p. 48). O Padre Baumgartner<sup>16</sup> também indica a *Zona do Cemitério* e arredores como um local habitado por negros. Diz o seguinte:

Naquela zona adiante do cemitério, onde hoje estão as malocas e a zona de prostituição, havia antigamente só gente de origem alemã e italiana. ‘Os de cor não entravam’. Depois vieram vindo e se instalando esses ‘morenos’ e pretos. (AZEVEDO, 1994, p. 57).

Thales conversa com Mario Gardelin<sup>17</sup> que diz: “A zona do cemitério é chamada de África”. (AZEVEDO, 1994, p. 146).

Thales busca informações sobre a participação da população negra nos clubes recreativos em Caxias do Sul. Para ele, os clubes sociais e recreativos são o setor de mais difícil acesso às pessoas *de côr* mais escura. Em seu estudo sobre o negro na Bahia, diz que

há mesmo quem afirme que são muito fortes os obstáculos á entrada em tais organizações por influência de preconceitos de côr e, simultaneamente, porque as mesmas são dominadas por famílias tradicionais que resistem á admissão de sócios que não sejam do seu grupo social e econômico. (AZEVEDO, 1955, p. 166).

Buscando informações sobre a participação dos negros nos clubes da cidade, Thales entrevista Erico,<sup>18</sup> e esse diz que acha que no Clube Juvenil há mais seleção, e que para a população mais modesta existe, por exemplo, o Clube Guarany. (AZEVEDO, 1994, p. 66). Nelly Vergamin diz que no Clube Juvenil entram mulatos “de trato”. (AZEVEDO, 1994, p. 71). Arlindo Grassi<sup>19</sup> informa a Thales que “o Clube Juvenil não tem dispositivo estatutário algum que proíba a aceitação de pessoas de côr, mas que estas não se apresentam”. (AZEVEDO, 1994, p. 97). No dia 18 de janeiro de 1955, Thales vai cortar o cabelo e conversa com o barbeiro. Esse diz que “todo mundo, mesmo operário, que tenha **apresentação**<sup>20</sup> (boa aparência), ‘não sendo negro’, pode freqüentar qualquer clube, mesmo aqueles ‘lá do centro’, inclusive o Juvenil”. (AZEVEDO, 1994, p. 49). Os informantes de Thales também relatam a existência de clubes de morenos. Assim, Oscar<sup>21</sup> informa que “há

associações para os ‘morenos’, que aliás são poucas na cidade”. (AZEVEDO, 1994, p. 33). O mesmo Oscar diz que “existem sociedades ‘com distinção de côr’ (o Gaúcho, o Quinze de Novembro): são só para ‘morenos’; o branco pode ser recebido, mas são clubes para os de côr, inclusive gente do Exército: soldados e cabos de côr”. (AZEVEDO, 1994, p. 41-42).

Enfim, percebe-se, nas anotações feitas sobre os negros na cidade de Caxias do Sul, a influência da pesquisa anterior realizada por Thales para a produção da obra *As elites de côr*. Thales poderia estar interessado em comparar as duas realidades que são muito diferentes. Independentemente de quais foram suas motivações, o que interessa é que essas anotações foram feitas e são importantes para a pesquisa que pretendo desenvolver.

#### *O batuque e os italianos*

A participação de descendentes de italianos nas religiões afro-brasileiras já foi observada por Ari Pedro Oro. Segundo esse autor, a procura e a participação de um certo número de descendentes de italianos e alemães nessas religiões se deve a diversos fatores, entre eles, quando

encontrando-se numa situação difícil (problema de saúde, econômico ou afetivo), e não logrando obter solução pelas vias “ordinárias”, os informantes recorreram aos serviços postos à disposição pelas religiões afro-brasileiras, religiões tão pragmáticas quanto a “sua” religião popular, porque acreditam na dimensão sagrada da vida social, o sobrenatural podendo interferir na vida dos homens, acarretando-lhes tanto conforto físico e espiritual quanto aborrecimentos. (ORO, 1988, p. 44).

Em seu estudo, Oro aplicou, entre abril e maio de 1987, um questionário a 126 famílias que moravam em Caxias do Sul (1988, p. 36); dessas famílias, 52,4% declararam-se de origem étnica italiana, 31% de origem italiana e brasileira, 6,3%, alemã e brasileira, 6,3% de outras etnias, e 4%, de origem italiana e alemã. (ORO, 1988, p. 52). Quanto à participação dessas famílias nas religiões afro-brasileiras, 15% delas declararam que algum membro da família (nuclear ou extensa) participa normalmente das religiões afro-brasileiras, e 53,2% dizem que algum membro da família já procurou alguma vez as religiões afro-brasileiras. (ORO, 1988, p. 53).

Thales de Azevedo, na década de 50, já havia percebido a participação de descendentes de italianos nas religiões *afro-brasileiras* em Caxias do Sul. Este é um tema que aparece com frequência em seus *Cadernos de pesquisa*. Sua primeira anotação sobre o assunto surge de uma conversa com o Padre Baumgartner. O padre diz a Thales que “há espiritismo, que se difunde mais na cidade, misturado até certo ponto com batuque; estes ficam nos arredores da cidade e se fazem, às vezes, em casa de mulheres de má vida”. (AZEVEDO, 1994, p. 39). Já na entrevista realizada com o estatístico Victorio Ranzolin,<sup>22</sup> esse diz a Thales que “existem batuques na zona do cemitério”. (AZEVEDO, 1994, p. 55). Frei Vital<sup>23</sup> informa a Thales que o

espiritismo está progredindo muito aqui e a Umbanda. Aliás o Padre Baumgartner, falando nisto, me disse que o espiritismo não é tanto; quanto à Umbanda progride entre os jovens. Gardelin me diz que falam em 13 tendas. (AZEVEDO, 1994, p. 159).

Teodoro Rodrigues de Abreu,<sup>24</sup> outro informante de Thales,

diz que sabe de 4 batuques na cidade – Terreiro de Pai João, da linha da Umbanda, em que gente de cor e alguns brancos dançam, recurvados e com a mão para trás, cantam. Fala em “cavalo”, “aparelho”; há santos, especialmente São Jorge, nesses lugares (no altar). As benzedeiros curam cobreiro, *risipa* (erisipela), disenteria. A gente do batuque cura também com aquelas rezas, com banhos para “descarregar o corpo”, purificam as casas com cerveja. Fazem garrafadas. Aquela gente, por ocasião das doenças, recorre primeiro a tais meios e só depois ao médico. (AZEVEDO, 1994, p. 111).

Já em 18 de fevereiro de 1955, Thales, acompanhado de Teodoro Rodrigues de Abreu e de Stuart,<sup>25</sup> resolve assistir a uma *sessão* no Burgo.<sup>26</sup> “Do lado de fora estavam várias mulatas e caboclas, sentadas na escada de acesso à casa.” (AZEVEDO, 1994, p. 131-132). Dentro da casa onde ia se realizar a *sessão*

uma dezena de homens (mulatos de vários tons, caboclos e brancos – alguns bem alvos e do tipo longilíneo do ítalo; havia também mulheres, inclusive uma loura, corada, de olhos claros, falando português com dificuldade e sotaque alemão; vimos uma senhora alta, ruiva, que parecia da classe média e uma mais baixa, loura, com jóias e com

maneiras que a identificariam na mesma classe daquela). (AZEVEDO, 1994, p. 131-132).

Thales faz todo um relato detalhado das imagens que viu no local, das roupas que as pessoas usavam, de como se procedeu toda a *sessão*. Mas Thales destaca que para ele o mais importante

não eram os ritos, mas o fato de haver a participação de pretos, mulatos, caboclos e até brancos descendentes diretos dos imigrantes e alguns ainda incompletamente assimilados à cultura tradicional brasileira, de origem lusa, falando mal o português e guardando sotaque estrangeiro. (AZEVEDO, 1994, p. 137).

Nota-se o interesse de Thales em saber sobre a expansão da Umbanda em Caxias do Sul e a participação de brancos descendentes de italianos nessa religião. Pode-se considerar que esse interesse se deve ao fato de que para Thales, a Igreja e a religião católicas “sustentam as tradições e muitas das lembranças da Itália” (AZEVEDO, 1975, p. 218), tendo essa instituição um papel importante para os italianos e seus descendentes.

### **Família**

Thales de Azevedo faz anotações sobre diversos assuntos. A partir das anotações feitas por ele, podemos nos aprofundar em outros temas de pesquisa. Aqui pretendo fazer algumas observações sobre as anotações de Thales referentes ao namoro, ao casamento e à estratégia familiar do compadrio e à herança.

Sobre o namoro, existem anotações referentes às práticas utilizadas pelos envolvidos para combinarem os encontros amorosos. Aqui, utiliza-se a anotação de Thales quando esse entrevista Erico,<sup>27</sup> que diz:

No namoro o rapaz procura flertar a moça; manda-lhe recados por intermédio de outra; até que se encontram e se falam na praça e marcam encontro num cinema. Mas, logo que a acompanha até sua casa, a família faz entrar em casa; ali podem conversar os dois e os parentes. Continuam os encontros no cinema, mas não se usa passearem juntos; podem faze-lo raramente, na praça, com a companhia de alguém,

mesmo uma criança; acompanham-na ao colégio. (AZEVEDO, 1994, p. 66).

No relato acima, percebe-se, também, a vigilância exercida pela família sobre o casal de namorados. Nesse sentido, a esposa de Oscar<sup>28</sup> diz a Thales “que às vezes vai para acompanhar os filhos mas agora não vai porque ‘o namorado de minha filha não está aí, foi a São Paulo, e ela não vai’”. Com a ausência do namorado, a família vigia a filha, sendo essa impedida de ir ao cinema sem a companhia do mesmo, que estaria viajando. Outra precaução tomada pelas famílias é de não deixar que os namoros aconteçam nas ruas, no espaço público. O casal de informantes ainda confirma “que o sistema aqui é o já descrito. Acham que ficaria feio a moça conversar na porta com o namorado”. (AZEVEDO, 1994, p. 67).

As jovens que iniciam o namoro já deveriam ter seus enxovais, pelo menos é essa a idéia transmitida pelas anotações de Thales. Dona Ester Troian<sup>29</sup> diz que “as meninas, já às vezes aos 10 ou 11 anos, estão cuidando em ‘far [de] la dotta’ – preparar o enxoval. É muito precoce a preocupação com o casamento e com o namoro. Casam, por isto, cedo”. (AZEVEDO, 1994, p. 86). O depoimento de Oscar<sup>30</sup> confirma essa preocupação com o enxoval, dizendo que “os pais permitem que as moças das colônias trabalhem, trazendo verduras, ovos, frutas para vender, a fim de que possam juntar um dinheirinho para enxoval do casamento”. (AZEVEDO, 1994, p. 69). Ainda, nesse sentido, encontra-se no depoimento de Nelly Vergamin,<sup>31</sup> que “as moças empregadas dão parte do seu salário em casa. Com esse dinheiro as mães vão comprando o enxoval delas; mesmo sem ter namorado já cuidam do enxoval”. Nesse mesmo depoimento, a informante revela que “raramente casa italiana com alemão”. (AZEVEDO, 1994, p. 71).

Com relação aos casamentos interétnicos, o informante Ranzolin<sup>32</sup> diz que “tem 56 anos de idade; quando tinha seus 15 anos (cerca de 1915), um casamento de italiano com ‘brasileira’ chamava atenção. Hoje é muito comum, na classe alta e crê que mais ainda no operariado”. (AZEVEDO, 1994, p. 74). Em estudo realizado sobre o oeste paulista, entre 1890 e 1914, observou-se que nos processos de habilitação de casamento, quando esses mencionam alguma oposição dos pais italianos ao casamento, geralmente essa oposição se deve “à etnia ou à cor do pretendente”. (MONSMA; TRUZZI; BÔAS, 2004, p. 2). A vida das pessoas depois de casadas também é investigada por Thales. Conversando com um outro

informante, o genro de Sady Fischer,<sup>33</sup> diz que “o marido italiano trata a mulher como uma criada; esta é para o trabalho duro. Há, por isto, resistência das ‘brasileiras’ em casar com italiano”. (AZEVEDO, 1994, p. 74).

Após a sua constituição, a família passa a elaborar e executar algumas estratégias, entre essas está o compadrio. Analisando a sociedade de Vila Rica do século XVIII, Donald Ramos diz que

com o compadrio, a sociedade encontrou um mecanismo para estender a teia de laços sociais para envolver mais pessoas e suas famílias. Esta instituição envolvia funções como a da socialização das crianças, ligando pessoas da mesma ou até de classes diferentes, e oferecendo acesso a serviços. (2004, p. 51).

Nos *Cadernos* de Thales, existem informações sobre o compadrio que, sendo aprofundadas, podem indicar a importância dessa prática para as famílias da cidade e região. Soledade<sup>34</sup> diz a Thales que “a instituição do compadrio já foi mais forte; hoje não tem muita importância em Caxias. Alguns pobres tomam pessoas de posição mais alta para seus padrinhos”. (AZEVEDO, 1994, p. 55). Ou seja, os mais pobres, segundo esse informante, utilizam-se dessa estratégia garantindo aos seus filhos padrinhos que possuam uma certa influência e que possam contribuir, de alguma forma, na criação e socialização dos filhos. Zugno<sup>35</sup> e sua esposa confirmam a informação dizendo que “os pobres, na colônia, tomam pessoas de mais recursos para padrinhos de seus filhos”. (AZEVEDO, 1994, p. 70). Oscar,<sup>36</sup> em outro depoimento, diz que

o compadrio é mais importante entre os “crioulos”; entre os colonos convidam-se, para compadres, os parentes, os vizinhos; o padrinho tem obrigações para com o afilhado mas não têm muita força as relações entre compadres. Também os filhos de criação são muito mais frequentes entre os “crioulos”. (AZEVEDO, 1994, p. 117).

Sobre a herança, observa-se a partir das anotações de Thales que as famílias produziram diferentes estratégias, a fim de assegurar que a posse do patrimônio da família, em especial a terra, permanecesse nas mãos dos herdeiros homens. O informante Soledade<sup>37</sup> diz que

o colono italiano divide a terra com os filhos homens; quando deixam dinheiro, as mulheres recebem algo; do contrário tem que ir para as cidades trabalhar, ou casam. Quando um dos pais fica velho, viúvo,

sem mais poder trabalhar, pode um dos filhos ou mesmo uma filha encarrega-se de uma parte do terreno para si e para o pai ou mãe. (AZEVEDO, 1994, p. 77).

Ou seja, a mulher só se torna responsável pela terra em último caso. A negação da terra às mulheres representa uma outra estratégia familiar. Geralmente, nas partilhas, as mulheres recebem os utensílios domésticos, a máquina de costura, etc. Essa prática privilegia o homem com a terra, porque seu papel social historicamente construído é o de provedor, é ele quem sustenta a família; já o papel da mulher é o de esposa, ela deve cuidar da casa, dos filhos e do marido, isso na época em que foi constatada a estratégia. Mas, para obter respostas mais adequadas e formular outros problemas de pesquisa, seria necessária a utilização de outras fontes, como, por exemplo, os inventários. Os *Cadernos*, de Thales, possuem informações preliminares, que apontam para outras estratégias que podem ser melhor estudadas. O Dr. Olmiro Azevedo<sup>38</sup> diz a Thales que

antigamente era mais freqüente que hoje o sistema pelo qual o pai procurava legar os seus bens, por meio de venda fictícia (*finta venditta*) aos filhos mais jovens, os que ficavam em casa (homens) após o casamento dos mais velhos; as filhas eram, assim, também excluídas. O pai fingia vender todos os seus bens a um estranho, passando a este uma escritura, mas nessa escritura faziam-se algumas reservas em favor do vendedor (usufruto, etc.); meses ou anos depois, o falso comprador fingia vender os mesmos bens aos mencionados filhos. Muitos processos de anulação de tais transações têm ocorrido no foro caxiense. Este sistema colide com a lei brasileira. (AZEVEDO, 1994, p. 103).

Essa venda fictícia poderia representar algum tipo de economia para a família. Utilizando-se dessa estratégia, poderiam, em tese, deixar de ser pagos alguns impostos, etc. Fazendo essa venda fictícia, a família poderia estar pensando em economia doméstica. Pode ser que a tal venda seria menos custosa do que as taxas e demais procedimentos que envolvem uma partilha legal.

### Considerações finais

Aqui procurei fazer algumas considerações sobre a utilização das anotações realizadas por Thales de Azevedo, durante sua permanência na cidade de Caxias do Sul. Essas anotações nos informam sobre diversos aspectos da vida cotidiana da cidade, em meados da década de 50. Suas informações são importantes para a pesquisa que pretendo desenvolver, pois confirmam a presença e a situação da população negra em uma cidade que é conhecida por sua origem *italiana*. Além disso, tentei demonstrar que outras possibilidades existem. Os *Cadernos*, de Thales, podem ser utilizados por pesquisadores interessados em outros temas, como a família, mas é preciso, como foi demonstrado, sempre buscar outras fontes para que as informações sejam cruzadas, confrontadas, dando maior credibilidade à pesquisa.

## Notas

---

<sup>1</sup> Negro é aqui, da mesma forma que em Andrews (1998, p. 21), referência “tanto às pessoas de raça negra pura quanto aos mestiços de ancestralidade negra, chamados no Brasil de pretos (negros) e pardos (mulatos)”.

<sup>2</sup> Fundado em 23 de junho de 1934 como Sport Club Gaúcho. O nome do clube foi alterado duas vezes. Em 28 de fevereiro de 1966, passou a ser chamado Esporte Clube Gaúcho e, em 22 de agosto de 1973, Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho. Aqui optei por utilizar somente *Clube Gaúcho*.

<sup>3</sup> Mais informações sobre esse antropólogo, consultar a obra *Italianos e gaúchos* e o site [www.thalesdeazevedo.com.br](http://www.thalesdeazevedo.com.br).

<sup>4</sup> Publicado originalmente em francês.

<sup>5</sup> Escreve o Prefácio da obra *Italianos e gaúchos*.

<sup>6</sup> Os sete *Cadernos de pesquisa*, de Thales de Azevedo, foram publicados em um único volume pela Educs com o título *Os italianos no Rio Grande do Sul*: cadernos de pesquisa.

<sup>7</sup> O termo *morenos* se refere à população negra ou afro-descendente.

<sup>8</sup> Nos *Cadernos de pesquisa*, Thales não dá maiores informações sobre esse informante.

<sup>9</sup> Também (GROSSI, Miriam. Na busca do “outro” encontra-se a si mesmo. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Trabalho de campo e subjetividade*. Florianópolis: UFSC, 1992.

<sup>10</sup> Na transcrição de trechos dessa obra, optei por manter a grafia original.

<sup>11</sup> Nascido em Caxias do Sul em 1887. Em 8/1/1955, data da entrevista, encontrava-se em Porto Alegre.

<sup>12</sup> Funcionária da Prefeitura Municipal, entrevistada em 24/1/1955.

<sup>13</sup> Entrevista concedida em 27/1/1955.

<sup>14</sup> Eram funcionárias da Prefeitura Municipal e concederam entrevista no dia 13/1/1956.

<sup>15</sup> Oswaldo de Assis foi presidente da Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho.

<sup>16</sup> Entrevista concedida em 19/1/1955.

<sup>17</sup> Pesquisador de Caxias do Sul.

<sup>18</sup> Erico era gerente da fábrica de confecções *Afonso Almeida*, foi tesoureiro da *Gethal* e sócio do *Clube Juvenil*. Foi entrevistado por Thales em 22/1/1955.

<sup>19</sup> Entrevista concedida a Thales de Azevedo em 3/2/1955.

<sup>20</sup> Grifo do autor.

<sup>21</sup> Entrevista com Oscar Denicol que parece ter sido o proprietário ou um dos proprietários do Hotel Denicol onde Thales estava hospedado. Essa entrevista foi concedida em 14/1/1955.

<sup>22</sup> Victorio Ranzolin era Agente Estatístico e foi entrevistado em 19/1/1955.

<sup>23</sup> Frei Vital Araújo dos Santos, mulato claro, natural de Alagoas. Essa entrevista foi realizada em 29/12/1955.

<sup>24</sup> Natural de Vacaria/RS, mas radicado em Caxias do Sul há anos, foi construtor e empreiteiro. Entrevista concedida a Thales em 13/2/1955.

<sup>25</sup> Stuart Clark Rotwell, geógrafo estadunidense, estava em Caxias do Sul pesquisando.

<sup>26</sup> Segundo Maria C. Abel Machado, a região denominada *Burgo* começou a ser

ocupada na década de 40 se constituindo como a “primeira favela da cidade”. (2001, p. 143).

<sup>27</sup> Informante já citado anteriormente.

<sup>28</sup> Oscar Denicol já citado anteriormente.

<sup>29</sup> Funcionária da Prefeitura Municipal entrevistada em 28/1/1955.

<sup>30</sup> Informante já citado anteriormente.

<sup>31</sup> Informante já citada anteriormente.

<sup>32</sup> Victorio Ranzolin, já citado anteriormente, em entrevista concedida em 26/1/1955.

<sup>33</sup> O informante era Oficial do Exército.

<sup>34</sup> Hélio Soledade, entrevista concedida em 27/1/1955.

<sup>35</sup> Natural de Caxias do Sul, funcionário da Prefeitura Municipal, entrevistado juntamente com sua esposa em 22/01/1955.

<sup>36</sup> Oscar Denicol, já citado anteriormente, em entrevista no dia 13/2/1955.

<sup>37</sup> Hélio Soledade, entrevistado em 19/1/1955.

<sup>38</sup> Advogado entrevistado em 10/2/1955.

## Referências

---

- ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. São Paulo: Edusc, 1998.
- AZEVEDO, Thales de. *As elites de côr: um estudo de ascensão social*. São Paulo: Nacional, 1955.
- AZEVEDO, Thales de. *Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1975.
- AZEVEDO, Thales de. *Os italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de pesquisa*. Caxias do Sul: Educus, 1994.
- CARVALHO, Ana Paula Comin de. *O planeta dos negros no mundo dos brancos: estudo sobre a manutenção e atualização das fronteiras étnicas de uma comunidade negra na cidade de Canoas/RS*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 2003.
- CARVALHO, José Alberto Magno de; WOOD, Charles H. Categorias do censo e classificação subjetiva de cor no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Campinas, v. 11, n. 1, 1994.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 1999.
- MACHADO, Maria C. Abel. *Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul-1875/1950*. Caxias do Sul: Maneco, 2001.
- MONSMA, Karl; TRUZZI, Oswaldo; BÔAS, Silvia Sélter Villas. Entre a paixão e a família: casamentos interétnicos de jovens italianos no oeste paulista, 1890-1914. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP, 14., 2004, Caxambu; MG, *Anais...* Caxambu, 2004.
- ORO, Ari Pedro. Negros e brancos nas religiões afro-brasileiras no Rio Grande do Sul. *Comunicações do Iser*, v. 28, p. 33-54, 1988.
- RAMOS, Donald. Teias sagradas e profanas: o lugar do batismo e compadrio na sociedade de Vila Rica durante o Século do Ouro. *Revista Varia História*, Belo Horizonte. n. 31, p. 41-68, 2004.
- REICHEL, Heloisa Jochims. Relatos de viagens como fonte histórica para estudo de conflitos étnicos na região platina (séc. XIX). In: VÉSCIO, Luiz Eugenio; SANTOS, Pedro Brum. *Literatura e história: perspectivas e convergências*. Bauru: Edusc, 1999.

Artigo recebido em março de 2007. Aprovado em agosto de 2007.